

Considerações sobre a antropologia de Pico della Mirandola

Resumo

Esse artigo trata da antropologia de Pico della Mirandola. Procuramos mostrar que a questão da dignidade do homem, exposta em sua obra “Oratio de hominis dignitate”, não resume sua concepção a cerca da natureza do homem. Para demonstrar essa hipótese, procuramos analisar o significado da identificação do homem como um microcosmo, tal como foi apresentada em seu livro Heptaplus.

Palavras-chave: Antropologia . dignidade . cabala . microcosmo

Resume

Cet article s’occupe de l’anthropologie de Pico della Mirandola. Nous cherchons à démontrer que la question de la dignité de l’homme, exposée dans son oeuvre “Oratio de hominis dignitate”, n’est pas un résumé de sa conception de la nature humaine. Pour démontrer cette hypothèse, nous essayons d’analyser la signification de l’association de l’homme à un microcosme, telle qu’elle a été présentée dans son livre Heptaplus.

Mots clés: Anthropologie . dignité . cabale . microcosme

* Professor da UFMG. Esse artigo é parte de meu trabalho como bolsista de produtividade do CNPq. e.mail: bignotto@ufmg.br

O nome de Pico della Mirandola ocupa um lugar especial no desenvolvimento da antropologia do Renascimento. Nele se cruzaram as principais correntes de pensamento do período e encontraram guarida os grandes temas do humanismo.¹ Por essa razão, é muito comum que estudiosos da antropologia da época se refiram aos seus escritos como a uma síntese da quinada produzida na Renascença com relação à antropologia medieval. Nosso propósito neste artigo não é fazer um estudo amplo das concepções antropológicas presentes na obra do pensador italiano, mas destacar alguns aspectos, que contribuem para nuançar a idéia de que o eixo da filosofia do pensador italiano é o tema da dignidade dos homens compreendido como elemento de fundação do pensamento moderno e crítica radical do passado cristão medieval. Partindo de algumas observações sobre seu texto mais conhecido – *Oratio de hominis dignitate*.², vamos procurar mostrar que a filosofia de Pico esconde, por trás do uso de fontes diversificadas de inspiração, que vão do platonismo e do cristianismo à cabala, uma abordagem complexa das questões antropológicas. Por detrás do otimismo antropológico, apontado por muitos comentadores como o núcleo de sua filosofia, há uma tensão e riqueza, que não podem ser apreendidas pelas análises corriqueiras de seu elogio à dignidade dos homens. Vamos, assim, voltar-nos para sua concepção do homem como um microcosmo, presente em vários momentos de sua obra, em especial em seu livro *Heptaplus*³, para mostrar como permanece viva no interior do pensamento de Pico della Mirandola a idéia de uma natureza dividida entre sua liberdade e as determinações exteriores da providência divina e da natureza. Em particular, vamos nos interessar pela relação do homem com o mundo, mesmo reconhecendo que a questão da providência é central nas preocupações do filósofo e que sua relação com o cristianismo e com sua vertente contemplativa foi decisiva para o desenvolvimento de seu pensamento.

Nosso ponto de partida serão as considerações a respeito da liberdade presente na *Oratio*. O texto foi escrito para servir de introdução às *900 Conclusiones*⁴, que Pico della Mirandola pretendia apresentar aos cardeais em Roma para, segundo ele: “Resolver todas as questões, quaisquer que elas sejam, de física e de metafísica, de uma maneira muito diferente daquela filosofia ensinada nas escolas e cultivada pelos doutores desse tempo”.⁵ O exagero da

1 Sobre essa questão ver: (Toussaint, S, 1995)

2 Vamos nos servir aqui da seguinte edição: (Giovanni Pico della Mirandola. *Oratio de hominis dignitate*. 1994, p. 169-225).

3 (Pico della Mirandola. *Heptaplus*, 1966)

4 Jean Pic de la Mirandole. *Neuf cents conclusions philosophiques, cabalistiques e théologiques*, 2006.

5 Pico della Mirandola. *Le périple intellectuel de Jean Pic de la Mirandole*. 1994, p. 70.

frase é típico do comportamento do filósofo em sua juventude, mas não deve ser lido apenas por seu lado anedótico. Como muitos pensadores do período, Pico della Mirandola se lançou numa busca feroz por novos caminhos de investigação da natureza e do homem e não desprezou nenhuma possibilidade que lhe pareceu boa. Com um espírito aberto e uma curiosidade infinita, ele visitou fontes e territórios intelectuais, que eram totalmente desconhecidos para a maioria dos homens de seu tempo. Essa aventura intelectual em busca da universalidade da natureza humana foi um traço decisivo na construção da identidade da antropologia renascentista.

Na *Oratio* dois temas se misturam: o da indeterminação da condição humana e o de sua liberdade. Criado para servir de intermediário entre o criador e suas criaturas, o homem não pode ser reduzido a nenhuma de suas qualidades particulares. Pico não pretende, no entanto, ter descoberto essa posição privilegiada que, segundo ele, já era assinalada pelos persas (Pico della Mirandola, 1994, p. 185). Mesmo se essa atribuição de paternidade da idéia seja em grande medida fictícia, o mais importante é a descrição do homem como uma criatura especial, que ocupa um lugar único na criação. Resta compreender o sentido dessa afirmação.

Numa das páginas mais citadas da filosofia do Renascimento, Pico della Mirandola diz que o homem foi criado “sem fisionomia própria, nem dom especial de nenhuma forma, para que possa possuir, segundo seu desejo, segundo seus votos, o domicílio, a fisionomia e os dons que terá ele mesmo escolhido” (Idem, p. 187). O mais importante na afirmação do filósofo não é a referência à capacidade de escolha, que poderíamos associar ao livre arbítrio, e nesse sentido não seria novidade alguma, mas a descrição da natureza humana como aberta e capaz não apenas de escolha, mas também de mudar. A plasticidade das formas humanas é enorme, mas Pico continua a acreditar que o melhor uso de nossa liberdade é feito quando “uma espécie de santa ambição invade nosso coração para que, sabendo não nos contentarmos com bens medíocres, nós aspiramos aos bens supremos e tratamos de atingi-los com todas nossas forças, pois que nossa vontade torna isso possível” (Ibidem, p. 190).

A herança platônica e o convívio com tradições místicas como a cabala fez com que a vida contemplativa adquirisse novamente aos olhos do pensador uma importância que deixara de ter para os chamados humanistas cívicos. Essa guinada, no entanto, deve ser lida ao lado do fato de que Pico continua a fazer o elogio da vida ativa e a afirmar que aqueles que se interessam pelos negócios da cidade serão sempre recompensados pelos céus, se souberem agir nas duas esferas da vida com a mesma integridade dos *querubins*, pois, “é a

eles que devemos nos ligar, se quisermos nos elevar aos píncaros do amor, ou ainda descer em direção às funções da vida ativa, devidamente instruídos e preparados” (Ibidem, p. 191).

Ao afirmar a indeterminação da natureza humana, ele chega, para muitos, a colocar em dúvida o uso mesmo do termo natureza para descrever o homem. Habitando inteiramente seu tempo, Pico della Mirandola realçou os dilemas de uma época em busca de novas referências, por meio do uso heterodoxo de fontes e crenças; mergulhou fundo nas conseqüências do abandono dos paradigmas medievais, ao insistir ao mesmo tempo no valor da contemplação e na beleza da vida ativa. Como resumiu Safa: “Se a liberdade é a determinação essencial da humanidade do homem, daquilo que o constitui enquanto tal, ela é, então, constitutiva de sua essência, essa sendo aberta e a ser criada. Se existe natureza, ela é, pois, paradoxal, pois, o homem existe na medida em que ele se faz. Sua natureza está não num ser, mas num poder ser” (Safa, 2001, p. 83).

Feitas essas considerações, duas vias de análise podem ser seguidas com proveito. Numa primeira, os conteúdos da *Oratio* devem ser confrontados com as 900 teses às quais serviam de introdução. Tomando essa via, fica mais fácil esclarecer um conjunto de referências que aparece no texto analisado e não parecem poder ser esclarecido apenas pelo estudo das articulações internas do escrito. Em particular, torna-se possível compreender os impasses que surgem diante da afirmação da indeterminação da natureza humana e sua submissão aos desígnios da providência. Embora esse caminho já tenha se mostrado fecundo, em particular nos estudos dedicados a esclarecer a relação do pensador italiano com a cabala (Wirszubski, 2007), ele não oferece um ponto de vista analítico privilegiado para os que se interessam pelo progresso da antropologia de nosso autor, depois do fracasso de sua tentativa de expor seu pensamento para os principais membros da Cúria romana. A nosso ver, temos muito mais a ganhar se examinarmos os pontos em comum entre o pensamento das *Conclusiones* e as obras que a elas se seguiram e que não possuem mais os tons exacerbados da filosofia do jovem Pico della Mirandola. Ou seja, deixando de lado o terreno inicial de estudos, ganhamos a possibilidade de examinar os traços distintivos da antropologia de Pico, para além daqueles retidos pela tradição, que se concentrou apenas nos termos da *Oratio*.

Os limites desse escrito podem ser encontrados na associação entre os poderes demiúrgicos dos homens e aqueles de Deus. Interpretando a natureza humana por seus traços prometéticos, o que a torna próxima do divino, chegamos ao paradoxo de um ser finito, que, no entanto, experimenta a

possibilidade de se fazer a si mesmo no curso de sua curta existência, como alguém capaz de inventar seu destino, mas que é incapaz de fazê-lo para além de suas próprias fronteiras iniciais. Ora, para sair das dificuldades postas pelas proposições por vezes ambíguas da *Oratio*, um bom caminho é retornar ao problema da demiúrgia, deixando de lado, entretanto, a aproximação do homem com Deus, para explorar a questão do ponto de vista da natureza e do mundo. Nessa operação não se perde a referência à liberdade, mas ela é associada à gênese, à criação dos seres em geral. Com isso não se está destituindo o homem de sua singularidade, mas permitindo compreender sua condição especial de mediador entre as coisas e Deus de um ponto de vista diferente daquele sugerido antes.

Nesse sentido a escolha do *Heptaplus* se reveste de um caráter especial. Obra da maturidade, se podemos empregar esse termo para um pensador que morreu tão jovem, o texto é marcado pela aproximação entre a filosofia de nosso autor e o cristianismo. Pico, de fato, nunca pretendeu ser outra coisa do que um autor cristão. Sua aproximação com várias formas de saber, que permanece como um pano de fundo essencial no *Heptaplus*, nunca implicou numa forma qualquer de ruptura com a religião do Cristo. Mas sua “conversão”, como foi caracterizada sua ligação cada vez mais íntima com a fé cristã, ofereceu um ponto de análise muito mais claro de suas proposições sobre o homem, do que aquele apresentado na *Oratio*. Em primeiro lugar, devemos lembrar que o tema da dignidade do homem continua no centro de suas preocupações. Mas no texto do final de sua vida, Pico une o problema da graça àquele da explicação do lugar especial ocupado pelo homem no universo. Com isso são modificadas tanto suas proposições que se referem à relação dos homens com Deus, que passa a ser pensada por meio das relações com o Cristo, quanto suas relações com o mundo, que recebe um status diferente no momento em que é abordado como um cosmos contendo um conjunto de determinações, que serão espelhadas na natureza humana.

Como destacou Karine Safa, o tema do microcosmo foi herdado pelos pensadores do Renascimento diretamente da Antiguidade e fez parte da obra de alguns dos pensadores mais importantes do período como Nicolau de Cusa e Marsílio Ficino (Safa, 2001, p. 27-47). Pico della Mirandola o adotou, mas conferiu-lhe um caráter muito diferente daquele de seus mestres. Dificilmente poderíamos entender sua metafísica e sua teologia deixando de lado o fato de que elas estão ancoradas em uma cristologia. Mas essa referência longe de esgotar o sentido de sua démarche filosófica aponta para sua complexidade. Em Pico, como em outros pensadores, o tema do microcosmo comanda

uma interrogação sobre o lugar do homem no mundo (idem, p. 31). O ponto de partida é a identidade entre a estrutura do mundo e aquela do homem. Essa aproximação, no entanto, contém mais problemas do que resolve. Em primeiro lugar, temos de saber qual é a estrutura do mundo, numa época que questionou fortemente a herança que recebera da cosmologia antiga. Em segundo lugar, cabe pensar o papel do homem nesse mundo, cuja imagem foi sendo paulatinamente modificada. Como resume muito bem Safa: “Ser um microcosmo não significa simplesmente ser um espelho ou um testemunho passivo, mas engaja o homem no terreno de sua vocação principal: a universalidade” (ibidem, p. 46).

O primeiro tema ao qual devemos prestar atenção é, pois aquele da natureza do mundo. Logo no início do *Heptaplus*, Pico faz referência à teoria da sucessão hierárquica dos três mundos. Em primeiro lugar, está o mundo dos anjos, ou mundo intelectual; em segundo lugar, o mundo celeste; e por último o mundo sublunar, no qual habitamos. Como reconhece nosso autor, essas considerações podem ser retiradas diretamente de Platão e não possuem novidade alguma aos olhos dos estudiosos do mundo antigo (Pico della Mirandola, *Heptaplus*, 1966, p. 17) Na seqüência do texto, Pico faz dois movimentos, que nos interessam diretamente. Num primeiro momento, ele se serve da descrição dos três mundos para pensá-los em analogia com o tabernáculo construído por Moisés. Segundo o pensador italiano: “Ele (Moisés) de fato dividiu o tabernáculo em três partes, cada uma representando da maneira mais expressiva possível um dos mundos que acabamos de descrever” (Idem, p. 18) A primeira analogia da qual se serve Pico é, pois, entre o mundo e o templo, ou a casa. Com isso, ele assinala para os homens um lugar na parte do tabernáculo exposta às mais diversas intempéries. O caráter frágil atribuído à morada do homem e assim uma estratégia para mostrar que uma das faces de nossa natureza é marcada por nossa finitude e pelo caráter corruptível de nosso ser.

Essa aproximação entre o lugar ocupado pelo homem, sua morada no terceiro estágio do mundo, sofre, no entanto, uma virada, quando ele afirma que: “Mas, existe, além dos três mundos dos quais falamos, um quarto mundo, no qual se encontra tudo o que há nos três outros mundos. Este mundo é o homem ele mesmo, que, por essa razão, como dizem os doutores católicos, está expresso no Evangelho pelo nome de todas as criaturas. Quando o Cristo decidiu de pregar o Evangelho aos homens, mas não às bestas, e nem aos anjos, ele decidiu, no entanto, de pregá-lo a todas as criaturas” (Ibidem, p. 22). O quarto mundo traz uma dissonância na analogia entre o mundo e o

homem. Diferente da tradição platônica, mas não necessariamente em discordância com ela, a menção a um quarto mundo nos mostra que a compreensão do significado da idéia do homem como um microcosmo não pode ficar restrita ao caráter analógico óbvio que ela comporta. De forma direta, Pico nos mostra que o fato de ocuparmos um lugar na esfera sublunar, portanto, na parte mais frágil da criação e sujeita à corrupção e a degradação de suas formas, não serve para descrever nossa natureza em seus aspectos realmente relevantes. A menção ao quarto mundo, opera, portanto, num primeiro momento, como um sinal de que não podemos nos restringir à uma interpretação simplificada da questão do microcosmo se quisermos nos servir dela para constituir uma antropologia rigorosa.

Chegado o momento de falar do homem, Pico alerta para o fato que o conhecimento da natureza humana vai de par com aquele do mundo (Pico della Mirandola, Quarta exposição, 1966, p. 73). Essa afirmação não tem nada de excepcional se lembrarmos o que acabamos de dizer, mas ela alarga os conceitos iniciais ao transferir o foco da atenção do leitor para a constituição do homem e não mais para aquela do mundo. Há, portanto, um giro no olhar, em direção ao que foi caracterizado como um quarto mundo. O primeiro ponto assinalado é que não podemos realizar a viagem exploratória de nossa interioridade, recomendada pelo preceito délfico, sem levar em conta nossa inserção numa ordem de coisas criadas por Deus. Aqui a analogia com o mundo é uma ferramenta decisiva para a compreensão do tema tratado. O homem se divide em um elemento celeste – a alma – e num elemento terrestre – o corpo. Essas duas partes precisam ser conectadas e essa função é atribuída ao que Pico chama de espírito, que ele associa a uma luz (Idem, p. 75-76).

O homem possui em sua natureza não apenas as três partes descritas, mas também conexões com os outros animais, por meio da parte sensual; e com os anjos, por meio do intelecto. Essa escala interna permite-nos reproduzir em reduzido os extremos da criação. Essa é uma das compreensões possíveis do tema do microcosmo. O filósofo italiano pretende, no entanto, ir ainda mais longe na analogia, e se lança numa descrição, por vezes difícil de ser acompanhada, das muitas funções corpóreas e intelectuais, que constituem o que poderíamos chamar de especificidade do humano. Essa constatação não deve, no entanto, nos desviar da pretensão anunciada por ele que é a de conectar o homem ao conjunto da criação e não simplesmente em afirmar sua diferença com relação às outras criaturas. Se não há como negar o total pertencimento do homem à natureza, o resultado dessa demonstração é o de assinalar-lhe também um lugar especial. Como afirma Sava: “Não somente

tem ele o poder de representar o mundo como totalidade e de torná-lo inteligível, mas também lhe cabe a responsabilidade de transformar o cosmos, de fazer-lhe alcançar seu sentido e sua unidade” (Safa, op. cit., p. 44). O papel de mediador o faz semelhante ao próprio criador numa medida que não pode ser alcançada por nenhum outro ser. A conclusão a que chega Pico é que: “...o homem foi criado por Deus à sua imagem e semelhança para dominar os peixes, os pássaros e, em geral, todos os animais que foram produzidos pela água e pela terra” (Pico della Mirandola. 1966, p. 83). Ao mesmo tempo, essa afirmação não pode mais ser lida com a chave antropocêntrica que costuma dominar as análises da *Oratio*. Como observou Valcke, o homem plenamente realizado é o próprio Cristo. Ou seja, cada ser humano se coloca como um mediador entre os níveis diversos da criação divina, mas apenas o Cristo realiza de fato essa mediação. A idéia de um ser descolado da natureza e autor de sua condição é trocada por aquela de um ser cujo lugar na natureza é especial, mas não distante dela e nem criado por sua própria vontade. A cristologia de Pico della Mirandola, oferece assim uma descrição da condição humana, muito mais nuançada do que aquela proposta por muitos de seus intérpretes contemporâneos.

A compreensão desse papel depende, no entanto, da análise de algumas considerações que se encontram ao final do Heptaplus. De forma surpreendente, Pico retorna ao problema dos três mundos e enuncia sua visão do problema de maneira muito próxima daquela do início da obra. Repete-se aí a idéia dos três mundos “intelectual, celeste e corruptível”, – mas a referência a Moisés traz uma novidade. No lugar de aludir ao tabernáculo, como na primeira parte, Pico refaz a analogia e compara o mundo ao próprio homem: “É necessário, em primeiro lugar, notar que o mundo é chamado por Moisés de ‘o grande homem’. Pois, se o homem é um pequeno mundo, da mesma forma o mundo é um grande homem” (Idem, p. 141).

Desaparece, portanto, a noção de quarto mundo, para ficar em seu lugar a idéia de uma analogia entre o Tabernáculo, o Mundo e o Homem. Como observou Wirszubski, essa maneira de abordar a questão da natureza do homem está muito próxima daquela de alguns cabalistas, que o pensador italiano conheceu, direta ou indiretamente (Wirszubski, op. cit. p. 401). Isso prova que os traços de continuidade com suas primeiras obras é muito mais relevante do que deixa supor o texto em sua superfície. Para nossos interesses, no entanto, o ponto relevante é o retorno à teoria dos mundos e o desaparecimento da referência ao quarto mundo. Seria estranho que nosso autor voltasse a falar da teoria dos três mundos numa obra tão curta, sem que isso tivesse um signifi-

cado especial. Ora, no tocante à posição do homem com relação ao criador, as afirmações contidas na quarta exposição do *Heptatplus* são bastante esclarecedoras, mas elas não permitem elucidar completamente a significação da noção de microcosmo. Ao aproximar o homem do Tabernáculo, do Mundo e do Homem, o pensador italiano mostra que há de fato uma circularidade perfeita entre essas três noções, que dissolve qualquer hierarquia na qual o homem ocuparia um lugar determinado. A abertura de nossa natureza está expressa no fato de que somos ao mesmo tempo particulares e universais, por isso podemos mudar sem alterar de fato nossa essência.

Na linguagem do texto que estamos analisando, devemos então dizer que o homem é ao mesmo tempo um microcosmo e um cosmo, ou um mundo. Nesse sentido, ele esclarece sua existência por si mesmo, mas, ao fazê-lo transcende sua condição particular e deixa de ser um homem, para figurar o Homem em sua totalidade. Desse ponto de vista, o problema da unidade ganha um relevo diferente, uma vez que faz da aproximação com Deus um sinal da aproximação com a natureza e com a verdade e suas manifestações no texto sagrado. O quarto mundo é um operador essencial para chegar e esse ponto em que as analogias perdem sua eficácia, uma vez que a questão central deixou de ser simplesmente antropológica para se tornar cosmológica e ontológica ao mesmo tempo. O homem é fundamentalmente um microcosmo, mas ao mesmo tempo um ser para no qual a relação entre o *ente* e o *uno* pode ser resolvida sem a submissão de um dos pólos ao outro. A perspectiva de Pico se aproxima aqui de autores como Nicolau de Cusa, mas guarda sua especificidade ao manter a referência à outras culturas, em particular à Cabala, como um recurso essencial para suas demonstrações.

A recepção da obra do pensador italiano atribuiu-lhe um papel decisivo na constituição da visão moderna do homem. O estudo mais atento de suas obras mostra que de fato ele ofereceu a matéria prima para essa interpretação, mas que ela é muito mais o efeito da maneira como seus escritos foram recebidos em pleno século XVI, do que uma boa descrição de seu percurso intelectual e espiritual. Como muitos dos pensadores do Renascimento, Pico foi prisioneiro das dúvidas que assaltavam os que se dispunham a lidar com novas idéias e continuar a viver no interior da fé cristã. Diferentemente dos humanistas que se ocuparam da política, Pico viveu intensamente o drama do surgimento de uma nova época para o homem e para o mundo. Seu recurso a um manancial rico de tradições e seu desejo de conciliá-las em uma grande teoria sobre o homem aponta para um caminho de construção de uma antropologia muito mais complexa do que aquela luminosa interpretação da con-

dição humana que a modernidade acolheu. Esse traço, longe de negar o papel que seus escritos tiveram na modernidade, aponta para questões filosóficas que o simples elogio da abertura da natureza humana está longe de assinalar.

Referências bibliográficas

- Pico della Mirandola. Giovanni. Oratio de hominis dignitate. IN: VALCKE, L; GALIBOIS, R. *Le périple intellectuel de Jean Pic de la Mirandole*. Saint-Foy: Les Presses de l'Université Laval, 1994, p. 169-225.
- _____. *Heptaplus*. Carmagnola: Edizioni Arktos, 1966, (Trad Eugenio Garin).
- Pic de la Mirandole, Jean. *Neuf cents conclusions philosophiques, cabalistiques e théologiques*. Paris: Editions ALLIA, 2006, (Edição do original e tradução de Bertrand Schefer).
- Safa, Karine. *L'humanisme de Pic de la Mirandole*. . Paris: J. Vrin, 2001.
- Toussaint, S. *L'esprit du quattrocento*. Paris: Honoré Champion, 1995.
- Wirszubski, Chaim. *Pic de la Mirandole et la cabale*. Paris: éditions de l'éclat, 2007.